

# SEMINÁRIO DOMESTICIDADE, GÊNERO E MEMÓRIA

**FLÁVIA BRITO DO NASCIMENTO**, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

Professora do Departamento de História de Arquitetura e Estética do Projeto na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP).

E-mail: flaviabn@usp.br

**JOANA MELLO DE CARVALHO E SILVA**, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SÃO PAULO, BRASIL.

Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP).

E-mail: joana-mello@usp.br

**JOSÉ TAVARES CORREIA DE LIRA**, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

Professor titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), doutor (1997) e livre-docente (2008) pela FAU-USP, com pós-doutorados na Universidade de Columbia (2009) e na ENSA Paris-Malaquais (2015).

E-mail: josetclira@gmail.com

**SABRINA STUDART FONTENELE COSTA**, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

Mestre e doutora pela FAU-USP. Arquiteta e urbanista pela Universidade Federal do Ceará. Pós-doutoranda do IFCH-Unicamp onde estuda questões como domesticidade, preservação e arquitetura moderna com apoio da Fapesp. Funcionária do Centro de Preservação Cultural da USP.

E-mail: fontenel@usp.br

**SILVANA BARBOSA RUBINO**, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS, SÃO PAULO, BRASIL.

Cientista social pela Universidade de São Paulo, mestre em Antropologia Social e doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora livre-docente do Departamento de História da Unicamp.

E-mail: silbrubino@gmail.com.

**DOI**

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i24p181-193>

## **SEMINÁRIO DOMESTICIDADE, GÊNERO E MEMÓRIA**

FLÁVIA BRITO DO NASCIMENTO, JOANA MELLO DE CARVALHO E SILVA, JOSÉ TAVARES CORREIA DE LIRA, SABRINA STUDART FONTENELE COSTA, SILVANA BARBOSA RUBINO

### **RESUMO**

O seminário "Domesticidade, Gênero e Memória" foi organizado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) e pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH-Unicamp), com apoio da Pró-Reitoria de Extensão Universitária (PRCEU) da USP, do Centro de Preservação Cultural (CPC) da USP, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e do Centro de Pesquisa e Formação (CPF) do Sesc-SP. O objetivo do evento foi aprofundar o diálogo entre o urbanismo, a arquitetura e o design com as ciências sociais e a história, de forma a investigar as permanências e transformações dos modos de habitar, relacionando-os com processos técnicos, estéticos, espaciais, morais e sociais mais amplos. Estruturado em seis mesas-redondas e três sessões de conferências, versando sobre questões distintas, mas inter-relacionadas, o seminário tratou os três grandes temas: domesticidade, gênero e memória, por múltiplos enfoques teóricos, temporais e espaciais.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Domesticidade. Gênero. Memória.

## **SYMPOSIUM ON DOMESTICITY, GENDER AND MEMORY**

FLÁVIA BRITO DO NASCIMENTO, JOANA MELLO DE CARVALHO E SILVA, JOSÉ TAVARES CORREIA DE LIRA, SABRINA STUDART FONTENELE COSTA, SILVANA RUBINO

### **ABSTRACT**

The Symposium on Domesticity, Gender and Memory was organized by the School of Architecture and Urbanism at the University of São Paulo (FAU-USP) and the Institute of Philosophy and Human Sciences at Campinas State University (IFCH-Unicamp), with the support of USP's Extension Programs (PRCEU-USP) and its Center for Cultural Preservation (CPC-USP) of the University of São Paulo (USP), the São Paulo State Research Foundation (Fapesp) and Sesc-SP's Research and Training Center (CPF). The event aimed at promoting the exchanges between the field of architecture and design and the approaches to gender studies within the social sciences and history, in order to investigate the continuities and discontinuities in the ways of dwelling in face of wider technical, aesthetic, spatial, moral and social processes. Organized in six round tables and five lectures on separate but interrelated issues, the symposium dealt with the theme through multiple theoretical, temporal and spatial frameworks.

### **KEYWORDS**

Domesticity. Gender. Memory.

Idealizado como uma continuidade do seminário "Domesticidade, Gênero e Cultura Material"<sup>1</sup>, o seminário "Domesticidade, Gênero e Memória"<sup>2</sup> teve como objetivo aprofundar o diálogo entre o urbanismo, a arquitetura e o design com as ciências sociais e a história, de forma a investigar as permanências e transformações dos modos de morar, relacionando-os com processos técnicos, estéticos, espaciais, morais e sociais mais amplos. Partindo da concepção da cidade, dos edifícios e dos objetos como artefatos de cultura, os trabalhos apresentados abordaram os universos privado, coletivo, patriarcal, moderno, colonial, metropolitano, popular, burguês, rotineiro, experimental, empírico, feminino, masculino e transgênero com o intuito de construir uma visão plural das experiências de domesticidade entre os séculos XIX e XXI em suas várias dimensões materiais, sociais e simbólicas. Seus autores trataram de casas, edifícios de apartamentos,

1. Organizado, em 2014, pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) e pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH-Unicamp), com apoio do Centro de Preservação Cultural (CPC) da USP e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), o seminário teve como desdobramento também a edição do livro *Domesticidade, Gênero e Cultura Material* a ser publicado pela Edusp.
2. O evento, organizado pela FAU-USP e pelo IFCH-Unicamp, com apoio da Pró-Reitoria de Extensão Universitária (PRCEU) da USP, do CPC-USP, a Fapesp e o Centro de Pesquisa e Formação (CPF) do Sesc SP, foi realizado entre os dias 23 e 25 de outubro de 2017. Ver a programação completa em: <<http://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/atividade/seminario-domesticidade-genero-e-memoria>>.

conjuntos habitacionais; abordaram suas concepções arquitetônicas e formas de apropriação, sua materialidade e suas representações, centrados ora em sua produção, ora em seu uso, ora em suas interpretações e significados, trazendo à cena agentes dos mais diversos – proprietárias(os), moradoras(es), promotoras(es), profissionais, indivíduos e instituições -, sem perder de vista o caráter móvel, polissêmico e relacional de seus objetos de pesquisa. Para tanto, foram mobilizados suportes documentais afeitos à diversidade de atores sociais, tais como leis, regulamentos, periódicos, artefatos, construções exemplares, projetos, fotografias, manuais de donas de casa, álbuns de família, relatos orais, cartas, diários, anúncios, escritos literários, propagandas, políticas de governo etc. Dessa forma, partindo de uma multiplicidade de escalas, enfoques teóricos, temporais e espaciais, o seminário foi estruturado em seis mesas-redondas e três sessões de conferências, que reuniram pesquisadores nacionais e estrangeiros em diferentes estágios da carreira que têm desenvolvido trabalho nos três eixos propostos para o evento: domesticidade, gênero e memória.

A primeira mesa, intitulada “Trabalhadoras na/da cidade”, mediada por José Tavares Correia de Lira (FAU-USP), apontou variadas figurações da domesticidade em meio ao processo de urbanização. Focalizando especialmente a realidade paulistana entre fins do século XIX e a primeira metade do XX, os trabalhos apresentados destacaram os novos lugares, os novos hábitos, as novas práticas e as novas personagens, especialmente as mulheres, não tanto as arquitetas ou designers, mas as com diferentes inscrições profissionais e sociais, brasileiras e estrangeiras, anônimas ou não. Algumas questões orientaram as apresentações: Onde e como residiam? Por onde circulavam? Como se movimentavam, especialmente no espaço público? Com que trabalhavam? Quais as oportunidades que a elas se abriam? Os riscos e as restrições que as limitavam? As estratégias que mobilizavam? Que imagens e autoimagens projetaram-se sobre elas?

Em “Trabalho e moradia em Santa Ifigênia e no Bom Retiro: enquistamentos étnicos e casas de tolerância”, Sarah Feldman (IAU-USP) focalizou o processo de urbanização nos bairros centrais de São Paulo em busca do lugar ocupado por estrangeiros e prostitutas na organização de determinadas figurações da moradia, do trabalho e da segregação sócio-espacial na cidade. Partindo de uma compreensão biopolítica das “armaduras”

características dos bairros considerados, o trabalho procurou mapear os mecanismos que asseguraram a manutenção de determinados grupos e de determinadas atividades em seu interior.

O trabalho de Pedro Beresin Schleder Ferreira (Escola da Cidade/FAU-USP), “As mil vias de apropriação da Avenida Angélica: as mulheres entre a cidade, o trabalho e a domesticidade (1890-1920)”, examinou o processo de modernização de São Paulo no período, a partir da abertura e ocupação da referida avenida, revelando a heterogeneidade social daquele território, com suas fronteiras e passagens mais ou menos rígidas, mais ou menos móveis. Acompanhando a inserção de três mulheres que assumiram certa independência no campo econômico e profissional, o autor procurou examinar o modo como estas mobilizaram suas condições de gênero e classe para se apropriar de modo diverso do espaço urbano.

Por fim, o texto de Sabrina Fontenele (IFCH-Unicamp/ CPC-USP), “Mulheres, arquitetura e cidade: o modo de vida moderno em São Paulo”, focalizou as transformações urbanas no centro expandido da cidade em busca do modo como em seu interior se verificaram mudanças importantes nos lugares e condutas femininos, públicos e privados, com a ascensão de novas camadas médias urbanas. Utilizando uma importante documentação iconográfica, como desenhos e fotografias de projetos, anúncios, o trabalho acentuou o aparecimento de novas técnicas civilizatórias, corporais e visuais em meio ao processo de configuração de um perfil moderno de mulher, em seu trânsito pelos meios culturais, sociais e de consumo que emergiram na metrópole.

A segunda mesa, denominada “Espaços por escrito: cidade e moradia”, foi mediada por Flávia Brito do Nascimento (FAU-USP). Tendo em vista que a representação feminina nos espaços domésticos já estava colocada como tema desde o primeiro seminário Domesticidade, gênero e cultura material, em trabalhos que trataram das narrativas por meio das crônicas, dos periódicos e um pouco da literatura, entendeu-se que para essa segunda edição seria importante ampliar e consolidar a temática, discutindo as narrativas da cidade e da casa, explorando novos universos temporais e espaciais, ampliando conhecimentos e suscitando novas questões ao debate.

A discussão se iniciou pela Rússia Revolucionária, marcando a efeméride que mobilizou a intelectualidade do mundo neste centenário. Graziela Schneider (FFLCH-USP), em sua apresentação “A mulher e o espaço na

Rússia Revolucionária: narrativa e memória” trabalhou com diversas autoras russas – reformadoras, jornalistas, escritoras – mostrando a relação complexa e ambígua que se estabeleceu entre o lugar da casa e o lugar do trabalho na experiência feminina do contexto revolucionário no qual cresciam as demandas por emancipação e pela instituição de novas relações familiares e de gênero.

A mesa seguiu com o trabalho “Carolina e João na metrópole: do popular ao marginal” de Ana Claudia Veiga de Castro (FAU-USP), que tratou da periferia numa visão muito oportuna para discutir a experiência dos pobres, homens e mulheres, na metrópole paulistana dos anos 1950 e 1960. Por meio da narrativa de Carolina de Jesus e João Antônio, a autora versou sobre a dialética casa-rua-casa, os deslocamentos e as formas de representação da cidade a partir do lugar da periferia.

Fechando a mesa, Joana Mello de Carvalho e Silva (FAU-USP) trabalhou, em “Deslocamentos na *cidade sitiada*”, as mudanças das formas de morar na segunda metade do século XX, em que os debates acerca da igualdade de gênero e das transformações nas relações familiares foram impondo, progressivamente, demandas por novos arranjos domésticos. Por meio da obra *A cidade sitiada*, de Clarice Lispector, a autora analisou as tensões e ambiguidades da personagem principal, Lucrecia Neves, relacionando-as com a experiência da própria escritora carioca entre os anos 1940 e 1950.

A terceira mesa, “Arquitetas, designers, engenheiras, reformadoras”, coordenada por Sabrina Fontenele, colocou em debate a produção da arquitetura e da cidade, investigando os silenciamentos historiográficos acerca da atuação profissional feminina. A partir da perspectiva dos estudos de gênero, procurou-se rever as narrativas hegemônicas, recuperando a trajetória de profissionais, cujas reflexões sobre a cidade, a casa e as atividades domésticas foram importantes na virada do século XIX e XX, dentro e fora do campo profissional. As apresentações deram destaque para profissionais consagradas, como Charlotte Perriand, Margarete Schutte-Lihotzky e Carmen Portinho, mas também para outras até então pouco reconhecidas, que começaram a ganhar visibilidade a partir de novas investigações, como a alemã Hannah Schreckenbach ou as pernambucanas Janete Costa, Clementina Duarte e Myriam Pessoa de Melo.

A mesa foi aberta com a apresentação de Rachel Lee (LMU Munique), que expôs o trabalho “Of mobility and mud: Hannah Schereckenbach’s engagements with vernacular architecture in Ghana”. Nela, a autora recuperou a trajetória da arquiteta alemã, cujas pesquisas desenvolvidas na década de 1960 sobre construções vernaculares, em Gana, na África, contribuíram para o debate acerca do regionalismo e de formas tradicionais de expressão arquitetônica, inclusive na Europa.

A apresentação seguinte, “Gênero e produção de habitação social: mulheres pioneiras na arquitetura do século XX”, desenvolvida por Marcela Ablá (FAU-UFRJ), propôs uma análise da trajetória teórica e profissional de Elizabeth Denby, Carmen Portinho, Margarete Schutte-Lihotzky e Catherine Bauer. O trabalho procurou lançar um novo olhar sobre a habitação social e o planejamento das cidades nas primeiras décadas do século XX, para apontar como as realizações por elas desenvolvidas aproveitaram de suas experiências como mulheres, qualificando e aprimorando as reflexões sobre o tema no campo da arquitetura e do urbanismo.

A terceira apresentação da mesa, “Charlotte Perriand entre as artes decorativas e a arquitetura moderna”, proferida por Silvana Rubino (IFCH-Unicamp), abordou aspectos da trajetória profícua da designer. A autora procurou mostrar como sua formação e participação nas artes decorativas evidencia alguns dos impasses profissionais vividos nos anos 1920-40, a saber: a disputa entre a arquitetura moderna e as artes decorativas; e os lugares de artistas e arquitetos, homens e mulheres, no interior das disputas de gêneros, no duplo sentido do termo, ou seja, diferenças sexuais e artísticas. A autora também mostrou a colaboração efetiva de Perriand na elaboração de trabalhos normalmente creditados a Le Corbusier, apontando a importância das pesquisas acadêmicas na atribuição corrente de autoria.

Por fim, Andreia Gati (MDU-UFPE) abordou em “Lar doce lar: parcerias entre casais de arquitetos”, profissionais da primeira geração de formados pela Faculdade de Arquitetura do Recife nos anos 1950, problematizando as diferenças entre as experiências de gênero nas atribuições e nos reconhecimentos autorais. A pesquisadora buscou apresentar como as atitudes e os contextos profissionais de cada casal influíram diretamente no sucesso ou na invisibilidade das parceiras, bem como nas divisões de trabalho dentro do ambiente doméstico.

A quarta mesa, “Das casas grandes, senzalas e moradias urbanas”, mediada por Joana Mello, buscou trazer temas, abordagens e recortes que não tinham sido tratados na primeira edição do seminário, notadamente os relativos à experiência da escravidão. Para tanto, compuseram a mesa dois trabalhos que abordaram diretamente o tema e um trabalho que o tratou de modo indireto, procurando mostrar a pregnância da escravidão na experiência social brasileira e na constituição das habitações no País.

Abrindo os debates, Rafael de Bivar Marquese (FFLCH-USP) apresentou o trabalho “Os espaços domésticos da Segunda Escravidão: Natchez (Mississippi) e Vassouras (Vale do Paraíba) em perspectiva comparada”. Nele, o autor apontou as diferenças das experiências de escravidão nas duas cidades no século XIX, mostrando como elas materializaram espaços de produção e de habitação diversos, tanto do ponto de vista estético quanto material e espacial.

Em seguida, Ana Lucia Vieira dos Santos (EAU-UFF) apresentou o trabalho “Adaptação e Resistência: a habitação escrava nas propriedades rurais da província do Rio de Janeiro – Século XIX”, no qual procurou mostrar que, para além das injunções político-econômicas, as senzalas materializaram resistências dos escravos em relação aos senhores e às adaptações dos costumes e formas de morar comuns de seus países de origem na África.

Por fim, o trabalho “Corpo, casa e cidade: três escalas da higiene na consolidação do banheiro nas moradias paulistanas (1893-1929)”, de Clarissa de Almeida Paulillo (Unip/FAU-USP), procurou discorrer sobre como a implantação das redes de infraestrutura sanitária na cidade de São Paulo impactou, do ponto de vista material e simbólico, a formulação de um novo ambiente doméstico: o banheiro. Ao mesmo tempo, a autora apontou como essa formulação foi dirigida por concepções específicas de higiene que reforçaram diferenças sociais e raciais, informadas pela experiência da escravidão.

A quinta mesa, “Paisagens domésticas, corpo e subjetividade”, voltou-se para o espaço da casa, mas a partir de outras entradas e outros objetos de análise. Tratou-se de pensar as representações de domesticidade, de gênero e de sexualidade, mas também as práticas corporais e de uso dos espaços a partir de experiências e interlocutores diversos. Dialogando com as mesas já realizadas e a próxima, os trabalhos apresentados se voltaram para os discursos de vanguarda sobre domesticidade, a partir de suas plataformas de

divulgação, inseridos dentro de contextos políticos e econômicos ampliados, ou seja, como parte de programas governamentais e ações no âmbito da moda e do consumo. A mesa procurou pensar ainda a vivência do espaço doméstico daqueles que nele trabalham, procurando desfazer consensos, tensionar explicações, refletir sobre as especificidades das atualizações e dissensões dos papéis de gênero, incluindo no debate outros marcadores sociais de análise, como o de classe e raça, tal como o proposto na mesa anterior.

Iniciando a discussão, José Lira apresentou o trabalho “Arquitetura, técnicas domésticas, técnicas de si: os dispositivos Schröder, E-1027 e Capuava”, enfocando as relações de parceria, as disputas e as representações ao redor das referidas casas, de autoria dos arquitetos Gerrit Rietvelt, Eileen Gray e Flávio de Carvalho, respectivamente. Em suas análises, o autor procurou entrelaçar experiência social e profissional, destacando as relações e os conflitos de gênero, essenciais para uma melhor compreensão desses artefatos que idealizaram outras formas de domesticidade.

Em seguida, Marinês Ribeiro dos Santos (PPGTE-UTFPR) tratou em “O corpo feminino como parte da paisagem doméstica: a articulação entre roupas e mobiliário nas representações veiculadas em revistas de decoração brasileiras (anos 1960)” das atualizações dos marcadores de gênero feminino, procurando problematizar a associação historicamente construída entre o corpo das mulheres e o âmbito do doméstico. Seu objetivo foi mostrar que essas atualizações têm como uma plataforma privilegiada as representações veiculadas nas mídias de massa que, nesse sentido, devem ser entendidas como tecnologias de gênero, ou seja, como estratégias que contribuem para naturalizar a esfera privada como algo que concerne apenas às mulheres.

Ethel Leon (Facamp/EBAC) apresentou em “Moda, beleza e vida doméstica na disputa das superpotências” uma releitura original dos embates travados durante a Guerra Fria. Em sua pesquisa, ela apontou a partir da divulgação das exposições soviética e norte-americana montadas no Rio de Janeiro, respectivamente em 1962 e 1963, por meio da imprensa diária carioca, como o famoso “The kitchen debate” no Brasil parece ter se concentrado menos nos artefatos domésticos, em especial os dedicados à cozinha, do que nos corpos femininos; menos na área do designer do que na moda, levantando a importância de se avançar na reflexão sobre o tema.

Fechando esta mesa, Débora Gorban (Conicet-ICI/ UNGS) apresentou o trabalho “Desmontar esferas: relaciones sociales, usos y significados del espacio doméstico en las actividades de cuidado y beleza”, no qual procurou mostrar como a introdução de atividades profissionais, no caso relativas aos serviços domésticos e de cabeleireiro, muda os arranjos, os sentidos e os gestos no ambiente da casa. A abordagem permite questionar as fronteiras entre o produtivo e o improdutivo, o doméstico e o não doméstico, o trabalho e o não trabalho, atentando-se para as formas pelas quais os espaços e os corpos são ocupados e vividos.

A última mesa, “Memórias de vida e memórias do morar”, coordenada por Mônica Junqueira de Camargo (CPC-USP/FAU-USP), trouxe um tema que também ganhou destaque em relação ao primeiro seminário, a questão da memória. Nela, procurou-se trazer a discussão dos espaços da casa a partir dos usos e da vivência que estes proporcionam em situações muito distintas, tanto do ponto de vista projetual quanto do ponto de vista das encomendas e das experiências sociais de seus moradores.

O primeiro trabalho, “Habitar, narrar e construir: a casa moderna nos relatos biográficos de seus moradores”, de Camila Gui Rosatti (FFLCH-USP), enfocou a vivência de uma clientela que refletiu sobre e habitou projetos de vanguarda, cujos sentidos compartilharam, ainda que de modo paradoxal. Pensados como manifestos político-estéticos, essas casas abrigaram experiências múltiplas, atravessadas por tensões e ambiguidades que oscilaram entre “a apologia do vanguardismo arquitetônico e os infortúnios do dia a dia de se habitar uma casa fora dos padrões convencionais” e “as decepções ou os triunfos angariados na convivência familiar”.

Em seguida, Flávia Brito do Nascimento (FAU-USP) apresentou o trabalho “Do imaginado ao vivido: formas de morar e significado social na habitação social moderna brasileira”, tratando dos conjuntos promovidos pelos Institutos de Aposentadoria e Pensões da era Vargas que tinham como premissa a construção de um novo homem. A autora analisou cerca de 50 entrevistas com moradores e antigos moradores dos Conjuntos Várzea do Carmo, Mooca, Vila Guimar, Santa Cruz e Nove de Julho, recuperando as memórias de suas vivências nesses espaços e colocando-as em diálogo com os preceitos de habitação das vanguardas arquitetônicas brasileiras.

Tânia Fontenele (IPAM) em “Memórias femininas da construção de Brasília: relações de gênero e invisibilidade” também se apoiou no método da história oral, entrevistando 50 mulheres de diversas profissões – lavadeiras, cozinheiras, professoras, parteiras, prostitutas, desenhistas de mapas, dentre outras – que participaram da construção da nova capital. Chama a atenção em seu texto e no filme de sua autoria sobre o tema – “Poeira e batom” – como a esperança e o orgulho dessas mulheres superaram todo o desconforto, a precariedade e mesmo a solidão de algumas delas nesse momento marcante da história nacional.

A mesa se encerrou com o trabalho de Françoise Valéry (UFRN), “Vivências femininas e espaços residenciais nas memórias das mulheres idosas de natal”. Sua análise foi centrada na problemática do idoso e de sua sobrevivência na relação com os mais jovens ou a figura da cuidadora. Obrigados a compartilhar do mesmo espaço da casa, membros da família e de fora acabam tendo que abrir mão de trabalho, lazer ou de ter uma vida independente, o que acarreta no estabelecimento de relações conflitivas e contraditórias, além de mudanças nos espaços domésticos.

As três sessões de conferências estabeleceram um diálogo rico com as mesas acima apresentadas, seja pela retomada de questões, seja pela apresentação de novos temas ou métodos de análise, muito bem alinhavados pelas mediadoras Heloísa Pontes (IFCH-Unicamp) e Ana Paula Simioni (IEB-USP).

Na conferência “The idea of sex in the Californian Case Study Houses”, Richard Williams (Universidade de Edimburgo), autor do livro *Sex and Buildings* (2013), explorou as diversas formas através das quais comportamentos e atitudes sexuais se materializam na arquitetura e de que maneira a arquitetura dá lugar e vazão à sexualidade.

O papel ativo do artefato doméstico na formação dos corpos e da identidade foi explorado também por Vânia Carneiro de Carvalho (MP-USP), autora de um livro fundamental para este campo de estudos, *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material* (2008). Em sua conferência “Interiores: o espaço doméstico como espaço subjetivo”, Carvalho apontou a permanência de certos marcados de gênero, interessada, contudo, em avançar na reflexão, reconhecendo as suas adaptações ao longo do tempo e a sua incidência na construção de subjetividades que tem na casa um espaço central.

A questão do corpo, da sexualidade e sua integração com artefatos nas escalas mais diversas foi retomada na segunda sessão de conferências, composta pelos trabalhos de Luca Greco (Universidade Sorbonne Nouvelle), “Gender, space and language: doing the experience of gender through walking and speech practices”, e de Maria Filomena Gregori (IFCH-Unicamp), “Prazeres Perigosos”, que trouxeram as discussões para o século XXI. As conferências permitiram uma visão não essencialista do gênero ao abordarem experiências performáticas e relações que não se esgotam entre os seres humanos, mas envolvem objetos, os quais são agenciados e agenciadores de inúmeras formas de prazer que rompem com prescrições normativas. A última conferência, “Heterotopias da ilusão: os bordéis, a sociabilidade e o desejo na São Paulo antiga”, foi proferida por outra referência importante para os estudos da área, a professora Margareth Rago (IFCH-Unicamp). Sua conferência tratou dos bordéis paulistanos, entendidos como o “outro” do espaço doméstico. Chamou a atenção de muitos, especialmente dos convidados estrangeiros, o controle e a segurança da pesquisadora na articulação de suas fontes e premissas conceituais, especialmente por ter ela dito se basear nos trabalhos de Michel Foucault e Gabriela Leite.

Assistido por um público significativamente numeroso, assíduo e qualificado, o seminário ampliou algumas temáticas e aprofundou as discussões levantadas no evento anterior, indicando o interesse por sua continuidade em outras edições e o adensamento das reflexões nesse campo interdisciplinar de investigação sobre o morar.